

REFLETINDO SOBRE O SIGNIFICADO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO*

Siomara Borba Leite**

Introdução

O trabalho que está sendo apresentado é parte de nossa tese de doutoramento que investigou a questão da democratização da escola básica através do conhecimento (Leite, 1991). Compreender o significado, as dimensões, as possibilidades e as contradições do conhecimento científico foi um dos aspectos fundamentais da nossa pesquisa. Trazer esta reflexão para o âmbito do debate proposto pelo tema "Conhecimento científico e conhecimento escolar" tem por objetivo oferecer alguns elementos para o entendimento do que é o conhecimento científico e sua articulação com o conhecimento escolar.

O conhecimento científico, transmitido e assinalado em sala de aula, caracteriza-se por duas manifestações básicas. De um lado, o conhecimento propriamente dito, *produto* de determinada prática, um corpo de informações sistematizadas sobre o real, um dado momento de sua prática: e, de outro, o seu significado, o conhecimento como *processo*, o conhecimento em geral, o trajeto de apropriação do real. A primeira dimensão é apreendida quando da aquisição de informações; a segunda é esclarecida pela reflexão filosófica.

Conhecimento enquanto Processo e enquanto Produto

O conhecimento é uma realidade complexa que, entre outras características, apresenta duas facetas básicas: produto e processo. O conhecimento é, ao mesmo tempo, produto e processo.

* Texto apresentado na XVIª Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, MG, de 12 a 16/9/93.

** Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Hilton Japiassu sugere a coexistência de duas facetas básicas do conhecimento: o "conhecimento-estado" e o "conhecimento-processo". O conhecimento é estado enquanto é produto da investigação sobre o real e é processo enquanto trajetória, sempre provisória, de desvendamento do real. Na condição de produto, a ciência é neutra, objetiva e impessoal; na condição de processo, ela é parcial, subjetiva, condicionada sócio-cultural e psicologicamente.

Na qualidade de produto, o conhecimento parece ser estático, acabado, evolutivo e acumulativo, pois se resume a um conjunto de informações sobre o real elaborado e sistematizado no trabalho de investigação da realidade. Mas, mesmo nessa condição de produto, de resultado de uma determinada pesquisa que lhe assegura a aparência de terminalidade, o conhecimento alcançado está sujeito a discordâncias em nível da própria científica.

Na qualidade de processo, o conhecimento é dinâmico, está envolto por um contexto de controvérsias e divergências, traz subjacente uma série de compromissos, interesses e alternativas que contestam a sua condição de universalidade, que inviabilizam a sua condição de processo e produto indiscutíveis, que impedem a sua condição de complexibilidade não sujeita a embates. Estes diferentes compromissos, interesses e alternativas que estão subjacentes ao *processo de produção* de conhecimento têm marcado o debate entre as diferentes perspectivas que defendem modos diferentes de aproximação do real.

Todo produto tem por trás um processo e apesar de o produto ser o resultado de um determinado processo, ele nunca retrata o processo. O produto aparece acabado, pronto e arrumado. O processo, por sua vez, é provisório, inacabado, desarrumado. É no momento dialético do processo que as decisões são tomadas, tendo por base toda a dinâmica social na qual está envolvida a possibilidade construtiva do homem. É no momento dialético do processo de produção do conhecimento que o saber contribui para a construção de um determinado mundo, de uma determinada sociedade, de uma determinada condição de humanidade e opta por ela.

Concentrando a discussão na questão do conhecimento, queremos destacar a importância do processo de produção do conhecimento. Não podemos esquecer o momento de processo do conhecimento e devemos "agamá-lo" como alternativa para

não perdermos de vista a realidade dialética do conhecimento, pois é nesta condição de estar em formação, de ser processo que o conhecimento é história e, assim, possibilidade de ruptura.

Enquanto processo de revelação do real, o conhecimento é momento dinâmico, onde a dimensão ideológica aparece através das diferentes alternativas de concepção e de explicação do mundo. Neste sentido, o conhecimento-processo é o momento contraditório, por excelência, desde que é o momento em que as várias opções, os compromissos e os interesses se manifestam nos modos de conceber o conhecimento e de abordar o real.

O produto do processo de investigação da realidade é concebido como sendo neutro, objetivo e universal. Nesta condição de produto, ele não manifesta a dimensão ideológica que perpassou todo o processo de aproximação do real. O conhecimento-produto é a exposição de um determinado momento do real. Embora tenha todo um dinamismo próprio, é o momento mais "parado" do real. É o momento em que o homem tem a ilusão de "segurar", de "prender" a totalidade. O produto é o resultado provisoriamente estático, encarcerado do real.

Este momento da "estaticidade" do conhecimento-produto, este momento da "estaticidade" do saber ocorre basicamente na circunstância da ciência ensinada quando o que é transmitido aos alunos é "o resultado de tateamentos, de erros corrigidos" (Japiassu, 1982, p.61), isto é, o conhecimento simplificado e organizado que esconde o dinamismo de um processo historicamente determinado. Assim, a condição do conhecimento de ser produto se distancia da sua condição de processo, que é a ciência em formação, dotada de um dinamismo caracterizado pela possibilidade do erro e do acerto, pelo tateamento, pela existência de avanços e de recuos e, acima de tudo, dinamismo marcado pelas perspectivas do passado e do futuro, pela perspectiva da história, da temporalidade.

Uma questão que não pode ser descuidada diz respeito à interação entre processo e produto do conhecimento. A acumulação de conhecimentos anteriores — produto — é fundamental para a realização do processo de desvendamento do real. No momento do processo, a ideologia e a acumulação dos conhecimentos anteriores — produtos — estão presentes e são condições intrínsecas e necessárias à plenitude do processo de

produção do saber. Ainda que processo e produto sejam dois momentos distintos da atividade do conhecimento, eles não se constituem em momentos excludentes. Se o processo é o momento do conhecimento no qual ocorrem o embate ideológico, a luta política, a história, e o produto é o resultado provisoriamente estático, encarcerado do real, o processo-produto não pode acontecer sem o produto-processo. Existe, portanto, um relação dinâmica e estreita entre produto e processo que dificulta a compreensão do significado do conhecimento como sendo processo ou só produto e afirma a necessidade de perceber a representação do significado do conhecimento como sendo um conjunto de realidades dependentes, articuladas, coexistentes, produto e processo.

A investigação do significado do conhecimento mostra que o processo de produção do conhecimento é um processo de interferência do homem sobre o real e do real sobre o homem, isto é, um processo de interação que envolve o sujeito e o mundo. Sendo um processo que conta com a presença do homem, ele é histórico e é ação. Enquanto processo de descobrimento do real, a "verdade" do mundo e do homem não é dada; é buscada. E nesta procura ela é construída, marcando o homem e o mundo, transformando o homem e o mundo, deixando gravadas no homem e no mundo as marcas da ação do homem sobre o mundo e do mundo sobre o homem.

Sendo o processo de desvendamento do mundo distinguido pela interrelação homem-realidade, a ideologia passa a ser categoria importante para se compreender o significado do conhecimento na medida em que o sujeito está presente nesta relação. O homem traz consigo valores, sentimentos e experiências históricas, compreensivas, que determinam a sua ação e que estão incorporadas ao produto da sua ação, mesmo que a sua ação seja a de revelação do real e o produto da sua atividade seja o conhecimento enquanto corpo de informação sobre o mundo.

O caráter revolucionário do conhecimento-processo e do conhecimento-produto é marcado pela questão da historicidade. O conhecimento é produto histórico. O conhecimento-processo é a própria história, é a experiência da história, da existência social. E é no momento da história que as contradições intrínsecas, próprias a toda relação social aparecem. O conhecimento-produto encobre a realidade conflituosa do aparecimento das idéias e da constituição do saber científico através da apresentação de informações aparentemente harmoniosas, organizadas, lógicas. O conhecimento-

produto esconde não só o conflito presente no próprio processo de sistematização do saber, como também não mostra a existência social contraditória das idéias, dos conceitos, do corpo do conhecimento. O conhecimento-produto é o resultado acabado, pronto e arrumado do processo de desvendamento do real: é a narração do vivido. O conhecimento-processo é a própria vivência: é inacabada, provisória, desarrumada.

O dinamismo processo-produto traz incorporado a ideologia, já que esta é intrínseca à ação humana e inseparável dela. Entretanto, a ideologia aparece, de modo claro, no processo de apropriação do real. Enquanto o conhecimento é produto, a ideologia desaparece nos meandros da "objetividade" científica.

Ao analisar a obra de Walter Benjamin, Leandro Konder (1988, p.7) mostra que o pensador alemão sugere a necessidade de se reexaminar constantemente o saber acumulado pela humanidade, pois este saber, apesar de se mostrar harmônico, coerente, formalmente lógico, tem, por debaixo de si, uma existência contraditória que significa, potencialmente, possibilidade de negação deste saber.

De acordo com a análise de Konder, o filósofo Benjamin não entende o saber acumulado pela humanidade como realidade tão pura como se manifesta. O conhecimento, enquanto ato social, é produto de contradições; ele é "síntese" de múltiplas determinações, conseqüentemente, não pode ser assumido como "dado". As suas determinações têm de ser consideradas como elementos, como aspectos do próprio produto do processo de investigação do real.

A crítica de Benjamin ao saber tradicional—conhecimento aparentemente harmonioso, mas subjetivamente contraditório—indica, de modo geral, um caminho para se pensar o conhecimento escolar. O conhecimento, que deve ser transmitido na escola, revela-se harmônico, coerente, lógico, mas, na realidade, é produto da existência contraditória do mundo que o antecede e está subjacente ao próprio conhecimento e que se manifesta no momento do processo de desvendamento do real.

A volta ao momento anterior do conhecimento-produto, sublinhando a importância das contradições como espaço da produção do saber, respalda a afirmação da necessidade de se reparar na potencialidade revolucionária do processo de conhecimento do mundo, que é, então, visto como o momento em que o conhecimento assume a sua condição de humanidade.

A Questão Metodológica nas Ciências do Homem

Da discussão do significado do conhecimento, onde enfatizamos o processo de produção do conhecimento como momento determinante do conhecimento científico, chegamos à necessidade de explicitarmos o processo de produção do conhecimento nas ciências humanas, isto é, tornou-se imprescindível refletirmos sobre a problemática metodológica nas ciências do homem uma vez que, no âmbito das ciências naturais, a perspectiva da investigação já está definida e consolidada.

A questão das ciências humanas e sociais, caracterizadas como sendo "todos os empreendimentos de elucidação das palavras, dos gestos e dos atos humanos" (Japiassu, 1982, p.15), tem sido amplamente discutida por filósofos e sociólogos. Nestas duas áreas, os estudos já estão bem avançados no sentido da discussão do estatuto de cientificidade das ciências do homem. Este debate é antigo e, ao mesmo tempo, contemporâneo, embora não esteja declaradamente presente nos trabalhos de investigação do real social e humano, sendo escamoteado como uma questão sem sentido e que, de alguma forma, já foi resolvida em um determinado momento da reflexão epistemológica e da análise da sociologia do conhecimento.

As literaturas filosóficas e sociológicas partem de uma crítica ao modo de conceber as ciências do homem, mostrando a fragilidade metodológica destas, ao assumirem como modelo possível, o modelo de investigação do real elaborado para o conhecimento de realidades estáticas, naturais e positivas. As dificuldades de realização da pesquisa em ciências humanas e sociais são, portanto, marcadas pelo significado e pela posição destas ciências no âmbito maior do conhecimento científico, ressaltando a complexidade da investigação e da produção do conhecimento sobre o homem.

As discussões sobre estas dificuldades têm sido realizadas a partir de diferentes dimensões teóricas. A Sociologia, na perspectiva da sociologia do conhecimento, tem-se voltado para a questão da problemática metodológica interessando-se "mais que tudo pelo débito social do conhecimento, ou seja, pela ingerência dos condicionamentos sócio-históricos na formação do processo científico" (Demo, 1987, p.9). Assim, a reflexão elaborada pela sociologia do conhecimento tem caminhado no sentido de afirmar a construção do objeto, a necessidade de explicitação das categorias e dos conceitos-chaves, organizados em uma teoria simples e geral, e a presença da

intencionalidade, dos valores e das determinações estruturais nos dados coletados do real, que se constituem em respostas às indagações sobre a realidade empírica e não em informações a serem analisadas a respeito do fenômeno social.

Por sua vez, a reflexão filosófica, na dimensão da epistemologia, crítica o estatuto de cientificidade das ciências que estudam o homem na sua manifestação individual e social, argumentando que as ciências do homem já nasceram copiando, decalcando o modelo das ciências da natureza o que, em outras palavras, significou afastar-se da filosofia, abstrair o objeto e privilegiar o método como condição da cientificidade (Japiassu, 1982).

Nesta nossa reflexão, como já indicamos, nos propomos a retomar a discussão sobre a produção do conhecimento nas ciências do homem, apontando certos dilemas e impasses epistemológicos destas ciências e chamando a atenção para a urgência de pensarmos não só o processo de produção do conhecimento bem como o critério de verdade do produto do conhecimento do real humano e social. Assim, abordaremos a questão da metodologia da pesquisa nas ciências do homem, focalizando, em particular, a identidade sujeito/objeto, a questão da ideologia e os critérios de cientificidade das ciências humanas e sociais.

Considerando, antes de mais nada, a forma de conceber o processo de pesquisa do real humano, ressaltamos a presença explícita do paradigma de conhecimento das ciências exatas e naturais no processo técnico de apropriação da realidade do homem. Esta presença é uma busca de transposição de modelos de investigação. A assimilação possível do método de pesquisa das realidades exatas, naturais e biológicas pelas ciências do homem se constitui numa dificuldade concreta para o conhecimento do mundo construído, pois busca-se compreender uma realidade que é inexata, imprecisa, histórica, ideológica, caracterizada pela possibilidade do pensar e do sentir, pela existência da consciência e do inconsciente e, principalmente, pela capacidade da ação, por meio de um processo que é marcado pela preocupação com a exatidão, a precisão, a positividade, o aparente e a possibilidade de sofrer a transformação.

Esta tentativa de transpor modelos de pesquisa, além de significar a ênfase no método, nos afirma, o que nos parece determinante, a crença na possibilidade de neutralidade e objetividade científicas nas ciências humanas e sociais. O método de investigação,

na prática das ciências exatas, é a garantia da cientificidade do conhecimento. É o caminho que deve ser percorrido para evitar a intromissão e a permanência dos valores no produto final do processo de explicação do real. Ora, a mesma forma de entender o método é proposta para o trabalho de investigação do mundo do homem. As ciências do homem, na busca obstinada da objetividade própria e possível das ciências naturais e exatas, supõem que este método científico é capaz de garantir a cientificidade da verdade provisória sobre o homem.

O que está subjacente à opção pelo modelo das ciências exatas e naturais para o conhecimento, na sua dimensão de individualidade e de sujeito social, coletivo, é a preocupação em anular a influência da ideologia no processo de investigação da realidade; é a intenção de superar a determinação dos valores, das crenças, das representações, das normas no trabalho de aproximação do real; é o cuidado em defender a possibilidade de uma atitude de neutralidade axiológica frente ao processo de compreensão da realidade social mediata e imediata do sujeito.

Um aspecto que nos parece central em toda essa discussão é a aceitação da possibilidade de um conhecimento neutro, objetivo e universal do homem pelo homem. Como nos diz H. Japiassu, ao copiar o modelo de investigação das ciências exatas e naturais, as ciências do homem decalcaram também a sua postura frente ao conhecimento. Assim, elas não só repetem o trajeto, como repetem igualmente o horizonte. Esta repetição é definitiva para o desenvolvimento das ciências humanas e sociais. Buscando a positividade do conhecimento, as ciências humanas e sociais se afastaram da filosofia e tentaram fazer do conhecimento sobre o homem, um conhecimento sem o homem, anulando sua característica central que é ser humanidade (Japiassu, 1982).

A crítica à concepção tradicional de conhecimento, realizada pela filosofia da ciência e pela sociologia do conhecimento questiona todos os postulados do conhecimento científico que afirmam a objetividade como critério de verdade da ciência; que fazem desaparecer o sujeito do processo de investigação, enfatizando o objeto e a metodologia de pesquisa como o centro da produção do saber. Questionando, então, a possibilidade do conhecimento não-ideológico, do conhecimento neutro, os filósofos e cientistas sociais, preocupados com a questão do conhecimento humano, contrapõem a este discurso a categoria da historicidade, a condição de mutabilidade

do homem, da sociedade e da ciência.

Considerando a história do significado atual do conhecimento, os pesquisadores da questão metodológica chamam a atenção para a relação entre ciência e poder. O saber é um instrumento de poder e do poder, e só o fato de existir esta relação é suficiente para negar qualquer dimensão de neutralidade na ciência. Assim criticam a crença na possibilidade de superação da interferência ideológica, através da adoção dos métodos de investigação das ciências naturais e exatas, os métodos "objetivos" de conhecimento do real. E enfatizam a categoria da historicidade como possibilidade de construção de um conhecimento relativo, conhecimento não-absoluto, no sentido de que é provisório, sujeito ao dinamismo histórico para o avanço do processo de explicação do mundo.

O dinamismo histórico é condição fundamental para a produção do conhecimento. Ao falar sobre a produção do conhecimento científico, esses pesquisadores negam que este seja sistematizado somente através de métodos e técnicas de verificação da verdade; salientam que a aproximação provisória do real é realizada através, não só de procedimentos técnicos, metodológicos, mas também e, principalmente, no contexto das determinações sócio-histórico-ideológicas, ressaltando atualmente o condicionamento psicológico, onde o consciente social, o inconsciente e o subconsciente exercem papel determinante no processo de desvendamento do mundo. O homem conhece não somente com as suas determinações históricas, mas também com a sua dimensão de Eu, de subjetividade, de consciência. A ciência é condicionada por fatores extracientíficos, isto é, pelos contextos histórico, sócio-econômico, tecnológico, ideológico e psicológico. Considerando a ideologia e os condicionamentos histórico é psicológico do sujeito que conhece, o conhecimento é atividade que vai além da perplexidade do homem frente ao real.

Apesar das várias tentativas históricas de a pesquisa em ciências humanas e sociais decalcar o modelo de investigação das ciências exatas, controlando rigidamente a intromissão dos valores, através da repetição do método de pesquisa da realidade exata e natural, as ciências humanas e sociais se deparam com uma questão fundamental: a identidade sujeito/objeto, isto é, a dualidade do sujeito, enquanto sujeito e objeto e, simultaneamente, a dualidade do objeto, sendo ao mesmo tempo, objeto e sujeito.

As ciências humanas e sociais se propuseram a copiar um modelo de fazer ciência que assume o sujeito e o objeto de pesquisa como identidades distintas e distantes. Entretanto, esta demarcação clara e definitiva não corresponde à realidade do conhecimento do homem. Nas ciências humanas e sociais, o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível se constituem em uma só unidade. Identidade esta que ultrapassa o cotidiano da pesquisa. Segundo Japiassu (1982, p.9), um dos impasses fundamentais das ciências humanas e sociais é que seu objeto de investigação fala:

toda a desgraça das ciências humanas reside no fato de ter que lidar com um objeto que fala.

Detalhando mais cuidadosamente como se realiza essa identidade/dualidade sujeito/objeto, é preciso ressaltar a presença da ideologia em todo o processo de produção do conhecimento. Apesar da vigilância radical para impedir a intromissão dos valores, proposta pela perspectiva cientificista, a pesquisa em ciências humanas e sociais é marcada definitivamente pela existência ideológica do sujeito/objeto. Existência caracterizada principalmente pela historicidade do homem sujeito/objeto, pela temporalidade dos valores e pela provisoriedade da verdade, do pensamento, do conhecimento. Sendo a ideologia e a história, categorias interativas que constituem o homem como sujeito, indo além das condições imediatas de existências e de produção, todo o trabalho do homem da aproximação do real humano é carregado de valores e da temporalidade e, portanto, sujeito à superação.

Além deste debate, ao mesmo tempo, antigo e atual, sobre o processo de produção do conhecimento nas ciências humanas e sociais, o significado dessas ciências tem sido discutido também lembrando que as ciências que investigam a realidade humana têm um caráter intervencionista. Na medida em que se insere no âmbito da intervenção, do desvendamento do significado da ação e da instrumentalização para ação, as ciências do homem se afastam da filosofia e não produzem teoria entendida como a explicação simples e geral do real imediato e objetivo. Neste sentido, elas se transformam em estratégias de ação, afastando-se da possibilidade de compreensão e interpretação do real e colocando-se como produtoras, pensadoras de técnicas de intervenção do homem na realidade natural, social e humana.

Portanto, ao se investirem de um caráter eminentemente prático, as ciências do

homem deixam de ser ciências e, ao mesmo tempo, deixam de ser humanas. Deixam de ser ciência, pois a dimensão de cientificidade do conhecimento supõe tratar o real no pensamento, na reflexão, na teoria. Deixam, também, de ser humanas embora pensem a ação do homem, não só em termos de explicação desta ação mas, principalmente, em termos de estratégias de intervenção, pois realizam este empreendimento negando o homem em sua plenitude ao se comprometerem radicalmente com o espírito de positividade dominante nos procedimentos de explicação do real, natural e exato.

A preocupação em controlar as possibilidades do agir humano, através de uma racionalidade técnico-científica é um complicador da constituição do estatuto de cientificidade desta esfera do saber e do trabalho de pesquisa sobre o homem. O que se tem feito nas investigações sobre o homem está, direta ou indiretamente, mediata ou imediatamente, voltado para o aprimoramento de estratégias de ação que buscam "intervir, transformar e controlar os horizontes do *agir humano* e de seus componentes sociais" (Japiassu, 1982, p.9).

Em outras palavras, as ciências humanas e sociais têm se voltado, muito mais, para mudar o real humano e social do que para se apropriar teoricamente deste real. Elas se converteram em "*práticas-técnicas e/ou ideológicas* de manifestação da realidade humana individual e social" (Japiassu, 1982, p.13). Reconhecemos que o conhecimento científico tem sempre um compromisso social, mas entendemos que é necessário discutir como se dá esse compromisso, pois o compromisso da ciência não se limita a apenas pensar e propor alternativas concretas de ação. Estas são elaboradas também no processo de interação social, nas relações políticas que marcam a existência cotidiana e complexa do sujeito da história.

Conclusão

Estas são, em linhas gerais, alguns elementos da reflexão epistemológica sobre as ciências do homem. É uma reflexão que estamos começando a acompanhar e que tem por objetivo, em última instância, buscar subsídios para o trabalho de investigar a realidade educacional. Ao trazer esta reflexão para a discussão educacional, o que se pretende é familiarizar a prática da pesquisa em educação com as questões levantadas

pela epistemologia das ciências humanas sobre o significado do conhecimento construído no âmbito das ciências do homem.

Sendo a educação uma prática social, sujeita ao conhecimento construído no espaço das ciências do homem, a pesquisa sobre o significado, os limites e possibilidades desta prática, deste processo não pode deixar de lado as questões que dizem respeito à produção do conhecimento científico no espaço das ciências do homem. Justamente ao contrário, elas devem ser pensadas e consideradas ao longo do processo de investigação da realidade educacional, desde a sua concepção até o momento da apresentação dos seus resultados, pois como sugerimos anteriormente, o momento central do conhecimento é o momento de sua produção, é o momento do processo.

Em outras palavras, estamos propondo uma reflexão que acontece fora do espaço do pedagógico e distante da prática da pesquisa educacional, mas que está plenamente inserida no espaço da reflexão sobre o pedagógico, sobre o educacional e no espaço da prática de construção do conhecimento sobre a realidade pedagógica e educacional.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987. v.1 e 2.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1985.

_____. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1987.

JAPIASSU, Hilton. *Questões epistemológicas*. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

_____. *O mito da neutralidade científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1981a.

_____. *Nascimento e morte das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. *A revolução científica moderna*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

JAPIASSU, Hilton. *Psicanálise: ciência ou contraciência?*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. *O estatuto das ciências humanas*. Rio de Janeiro, 1988.

_____. *As paixões da ciência*. São Paulo: Letras & Letras, 1991.

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxista da melancolia*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LEITE, Siomara Borba. *A questão do conhecimento e a democratização da escola básica*. Rio de Janeiro, 1991. Tese (Doutorado) — PUC-RJ.

LIBÂNEO, J.C. *Democratização da escola pública*. São Paulo: Loyola, 1985.

MELLO, G.N. de. *Magistério de P grau: da competência técnica ao compromisso político*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.